

Bilinguismo e identidade em *HEADING SOUTH, Looking North* de Ariel Dorfman

Eliane Oliveira Lopes¹
elianelopez@gmail.com

Maria Alejandra Saraiva Pasca²
alepasca@unilasalle.edu.br

RESUMO:

Ariel Dorfman é um autor identificado como chileno-americano, apesar de ter nascido em Buenos Aires, Argentina. Sofreu seu primeiro exílio para os Estados Unidos quando tinha apenas dois anos de idade, vivendo a questão do abandono de sua língua materna (espanhol) e da aquisição de um novo idioma (inglês), o que o fez se autodeclarar monolíngue. Este artigo analisa a obra *Heading South, Looking North*, em relação à identidade, ao bilinguismo, ao exílio e à memória.

Palavras-chave: bilinguismo; exílio; identidade; língua espanhola, Língua inglesa.

ABSTRACT:

Ariel Dorfman is a Chilean American writer, despite being born in Buenos Aires, Argentina. He suffered his first exile to the United States when he was only two years old, abandoning his mother tongue (Spanish) and acquiring a new language (English), which made him declare himself as monolingual. This article analyses the novel Heading South, Looking North by Dorfman, in relation to identity, bilingualism, exile and memory.

Key words: *bilingualism; exile; identity; Spanish; English.*

¹ Aluna de Graduação em Letras/Inglês do Unilasalle.

² Mestre em Aquisição da Linguagem. Professora da Graduação em Letras do Unilasalle. Orientadora do trabalho de TCC de mesmo título.
² Mestre em Aquisição da Linguagem. Professora da Graduação em Letras do Unilasalle. Orientadora do trabalho de TCC de mesmo título.

1. INTRODUÇÃO

O exílio e a migração foram marcas do século XX em virtude de duas guerras mundiais e de ditaduras que aconteceram na América Latina. Assim, muitos imigraram ou foram forçados a abandonar suas pátrias, sua língua de conforto e sua cultura. Esse fenômeno faz com que cada vez menos existam culturas intactas ou puras. Por isso, muitos escritores que foram exilados escreveram sobre essa condição de exílio e, como consequência desse fenômeno, a literatura passou a ter como marca o abandono de pátria e de língua materna.

Ariel Dorfman é um autor identificado como chileno-americano, apesar de ter nascido em Buenos Aires, Argentina. Sofreu seu primeiro exílio para os Estados Unidos quando tinha apenas dois anos de idade, vivendo a questão do abandono de sua língua materna (espanhol) e da aquisição de um novo idioma (inglês), o que o fez se autodeclarar monolíngue. Acabou sofrendo outros exílios em sua vida e, com isso, perdeu sua identidade cultural e linguística, adotando dois nomes para si – um para sua identidade inglesa (Edward) e outro (Ariel) para sua identidade espanhola³ (DORFMAN, 1999). Essa questão da identidade fez com que o escritor não se sentisse mais tão à vontade com sua língua materna (espanhol) optando por escrever em seu segundo idioma (inglês).

Na obra *Heading South, Looking North* (1999), essa dualidade vivida por Dorfman fica evidente, bem como o título sugere, alguém que se dirige ao Sul, mas que olha para o norte, um sujeito dividido entre dois países – Chile (Sul) e Estados Unidos (Norte). Mais do que estar dividido entre dois países, Dorfman se viu dividido entre dois idiomas. O espanhol e o inglês faziam parte de sua vida e, por isso, se tornaram parte do que ele era: formaram sua identidade linguística.

Deste modo, este artigo analisa a obra *Heading South, Looking North*, de Ariel Dorfman, em relação à identidade, ao bilinguismo, ao exílio e à memória.

2 DA RELAÇÃO DE EXÍLIO, BILINGUISMO E IDENTIDADE

Duas grandes guerras mundiais e ditaduras ocorridas principalmente na América Latina salientaram a questão do bilinguismo sofrido por exilados e imigrantes que, por consequência, sofreram uma ruptura nas suas identidades linguística e cultural. Zygmunt Bauman na obra *Identidade* (2005) afirma que “pode-se até começar a sentir-se *chez soi* <em casa>, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar nenhum se

³ Todas as traduções são de nossa autoria.

vai estar totalmente e plenamente em casa.” (2005, p. 20). Assim, essa situação de exílio e a influência que o mesmo tem sobre a questão de identidade, o abandono de língua materna e a aquisição de um segundo idioma vêm sendo discutida por escritores como Said (2003, p.47), que trabalha com a temática do exílio. Ele afirma que “a literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão”.

Assim, para Said (2003, p.46.), o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”, o que faz com que o sujeito exilado não se sinta mais tão à vontade com sua própria cultura e com sua língua de origem, mas sim um estrangeiro dentro e fora de sua nação. Dorfman se sentiu sem nação muitas vezes, e isso o fazia pensar que não tinha um país (1999). Hall (2003) defende que a diáspora e/ou exílio “está fundada sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um *outro* e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora.” (2003, p. 33). Assim, essas experiências traumáticas, geralmente narradas em biografias, se tornam uma espécie de “leitura das cicatrizes.” (SELIGMANN, 2003, p. 56). Em outras palavras, um resgate da memória que passa por uma tradução da realidade e, conforme Seligmann (2005, p.212), uma “memória constitui um dispositivo de tradução do passado que justamente trabalha a partir do *resto* e do trauma.”.

Salman Rushdie (2010) dedica-se a pensar sobre a situação de exilado. Ele, que se tornou um sujeito dividido culturalmente e linguisticamente, mais especificamente entre Índia, Paquistão e Inglaterra, afirma que, como consequência dessas experiências traumáticas, o sujeito exilado “não será mais capaz de recuperar precisamente o que foi perdido” (2010, p.10). Assim, criará cidades e países fictícios, imaginários e invisíveis, lugares criados em sua mente, pois não só sua identidade está fragmentada, mas também sua visão. Portanto, para o exilado “o passado é um país estrangeiro” (RUSHDIE, 2010, p.9) do qual ele migrou.

Muitas vezes, essa relação com o passado é para o exilado uma releitura de sua experiência traumática, que o torna uma “espécie de *manifestação do real*” (SELIGMANN, 2003, p. 382). Assim, para muitos escritores que sofreram ou sofrem com o exílio, o testemunho em relação à diáspora se torna tema principal em suas obras, o que faz com que o “eu” nas obras seja “uma singularidade plural” (PENNA, In: SELIGMANN, 2006, p.318).

Muitos teóricos escrevem sobre essa condição de migração e exílio e assim refletem sobre sua própria condição de exilados, expatriados ou imigrantes, na qual nenhum lugar pode ser considerado seu verdadeiro lar (BAUMAN, 2005). Além disso, a identidade do sujeito

exilado se torna fragmentada e a sensação de perda é constante, como lembra Rushdie (2010, p.11), a realidade de um exilado é aprender a lidar com “espelhos quebrados” na qual “alguns de seus fragmentos são irremediavelmente perdidos”. Ariel Dorfman, depois de ir para o Chile com sua família, retorna aos EUA para estudar na faculdade, mas essa volta o faria renunciar a língua inglesa fazendo com que se visse mais uma vez como monolíngue, aceitando o espanhol como sua língua. Nesse momento, Dorfman (1999, p.101) afirma: “eu jurei nunca mais falar outra palavra em inglês. O espanhol era o amor da minha vida.”

Sujeitos “exilados, expatriados e/ ou imigrantes são assombrados por uma sensação de perda que os fazem olhar para trás” (RUSHDIE, 2010, p.10) e, por conta disso, criam suas próprias nações, tornando-as ficções perante sua verdadeira pátria. Essa perda faz com que autores que sofreram com o exílio sintam mais intensamente essa sensação e, assim, acabem *exorcizando* seu próprio passado, recontando suas histórias e suas angústias em suas obras e em biografias, tornando-se inevitavelmente “sujeitos traduzidos” (RUSHDIE, 2010, p.17) - sua vida e alma são traduzidas para sua nova condição de sujeito exilado.

Bauman (2005) afirma que “sempre que se ouvir essa palavra [identidade] pode-se estar certo de que está havendo uma batalha.” E ele vai mais além dizendo que “a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação” (2005, p.84). Portanto, sujeitos exilados e/ou imigrados têm sua identidade fragmentada. Essa é uma “batalha” interna que sujeitos com suas identidades despedaçadas enfrentam e segundo Hall (2002) “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um *eu* coerente.” (2002, p.13). Seguindo esse mesmo pensamento, Rushdie (2010, p.15) afirma que a identidade do exilado é “plural e parcial”.

Bauman ainda ressalta que “a identidade é uma categoria que certamente não tem direito à cidadania no pensamento” (2005, p. 38). Para o sujeito exilado, ocorre a situação de trauma, por uma brusca ruptura em sua identidade cultural, tornando híbrida não só sua identidade, mas também, sua língua e sua cultura. Assim, sujeitos exilados sofrem uma “fragmentação identitária.” (PENNA, In: SELIGMANN, 2006, p.301). A questão fica mais saliente, no caso de Dorfman, durante os dez anos em que ele tentou “matar” sua identidade espanhola e sua língua materna, considerando como “sua” apenas a língua inglesa, o que o fez se considerar monolíngue. (DORFMAN, 1999).

A condição de exilado impõe outra questão: a aquisição de um segundo idioma tornando o sujeito bilíngue. O bilinguismo é algo difícil de conceituar.

Popularmente um sujeito bilíngue é alguém que fala e se expressa em dois idiomas fluentemente. Para Macnamara “um sujeito bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente da sua língua nativa” (MACNAMARA, 1967 apud HARMERS e BLANC, 2000, p.6). A complexidade do bilinguismo é o fato de não só envolver dois idiomas distintos, mas também a bagagem que acompanha essa aquisição, como por exemplo, cultura e identidade. Desta forma Butler e Hakuta (2006) afirmam: “o bilingüismo é um comportamento psicológico e sócio-cultural complexo com aspectos linguísticos multidimensionais.” (BUTLER e HAKUTA, In: BHATIA e RITCHIE, 2006, p.115).

John Edwards discute a questão do bilinguismo no capítulo *Foundations of Bilingualism*, inserido na obra *The Handbook of Bilingualism*, na qual afirma que “todo mundo é bilíngüe” (EDWARDS, In: BHATIA e RITCHIE, 2006, p.7). Segundo o autor, se palavras ou frases em língua estrangeira são compreendidas ou faladas, mas o sujeito não é falante daquela determinada língua, o sujeito tem “claramente um comando para uma língua estrangeira” (EDWARDS, In: BHATIA e RITCHIE, 2006, p.7).

Do mesmo modo que outros teóricos, Ariel Dorfman também discute essa questão em suas obras onde o exílio e a língua são o tema principal. Mas é em sua biografia, *Heading South, Looking North* (1999), que essa temática ganha espaço, apresentando a língua inglesa e a língua espanhola como os narradores da obra.

3. HEADING SOUTH, LOOKING NORTH

A dualidade de Dorfman é expressa em sua biografia, *Heading South, Looking North* (1999), na qual o autor alterna capítulos entre sua infância, adolescência e vida adulta (situação de bilinguismo) com eventos paralelos em sua vida (situação de exílio). Na primeira parte da obra encontra-se o Norte (EUA) e o Sul (Chile), o que demonstra sua relação com os EUA em primeiro plano, ou seja, a língua inglesa. Na segunda parte, há uma inversão colocando o Sul (Chile) em primeiro lugar e, assim, demonstrando sua identificação com a língua espanhola. A narrativa tem como personagens principais a língua inglesa e a língua espanhola, ambas disputando a vida e a alma de Dorfman quase que exclusivamente.

A língua espanhola para Dorfman parece ser mais emotiva e demonstra estar ligada aos seus sentimentos. Em vários momentos em sua biografia, escrita em língua inglesa, o espanhol pede passagem e Dorfman cede espaço à língua que por muito tempo tentou matar:

como por exemplo, “I am American, Latin American. Soy chileno” (1999, p.267). Dorfman definia as palavras em espanhol como “se fossem um alienígena” (LESSER, 2004, p.207) e quando esse idioma tentava burlar o bloqueio imposto por ele, o autor considerava “um caso flagrante de adultério linguístico.” (2004, p.207).

Na obra *Heading South, Looking North*, Dorfman mostra que o bilinguismo está presente na sua vida desde muito cedo. O autor nasceu em uma família de exilados na qual a língua materna de seu pai era o russo e a de sua mãe era o Iídiche. O pai de Ariel manteve sua língua nativa (russo), mas o mesmo não ocorreu com sua mãe, que descartou sua língua materna (Iídiche) por se tratar de uma língua que “não ocupou nenhum território, não possuiu nenhum nome no mapa das nações, nunca foi promovida por um país” (DORFMAN 1999). Para Ariel Dorfman “a retenção do russo pelo seu pai pode sinalizar algo mais: uma duplicidade que não amaldiçoou sua mãe”. Deste modo, o monolinguismo de sua mãe “foi um jeito declarado de mostrar que o Iídiche se tornou irrelevante para o presente dela.” (DORFMAN, 1999, p.22).

A família de Dorfman sempre teve ligação com imigração e multilinguismo, muito antes de Ariel nascer. O pai de Ariel, Adolfo, nasceu na Ucrânia e cresceu em uma família poliglota, pois seu pai, David Dorfman, falava fluentemente inglês e francês além de russo e sua mãe, Raissa Libovich, falava fluentemente inglês, francês e também alemão, pois ela havia estudado em Viena, Áustria. A avó paterna de Ariel foi jornalista em Buenos Aires e foi a primeira pessoa a traduzir o romance russo *Anna Karenina*⁴ para o espanhol. O avô de Ariel, David Dorfman, tinha uma fábrica de sabão, que entrou em falência e, a fim de fugir de seus credores, partiu para Buenos Aires em 1909. Posteriormente, Raissa e seu filho Adolfo se juntaram a David Dorfman na Argentina. Pouco tempo depois, Raissa e Adolfo voltaram à Rússia com intuito de visitar a família, mas foram surpreendidos pela erupção da primeira guerra mundial. Sem conseguirem retornar à Argentina, Raissa conseguiu manter a si e ao seu filho vivos, devido a sua fluência em diversas línguas, pois trabalhou como intérprete de Litvinov⁵ e Trotsky⁶ nas conversas de paz com os alemães no tratado de Brest-Litovsk⁷ onde o destino da união soviética foi decidido. Na Argentina, David Dorfman trabalhou como intérprete da polícia argentina, pois muitos russos estavam imigrando para o país e os

⁴ Romance do escritor russo Leon Tolstói, publicado entre 1873 e 1877.

⁵ Maxim Litvinov (1876-1951) foi um político russo que ocupou cargos na União Soviética.

⁶ Leon Trotski (1879-1940) foi um intelectual marxista e revolucionário bolchevique, rival de Stalin na tomada do partido comunista da União Soviética à morte de Lênin.

⁷ Tratado de paz assinado entre o governo bolchevique russo e outras potências onde se reconhece a saída da Rússia da primeira guerra mundial.

policiais precisavam de tradutores para se comunicar com esses imigrantes. Em 1920, Raissa e Adolfo conseguem retornar para a Argentina graças a David, que convence os oficiais a intervirem nessa imigração, dizendo que eles se tratavam de cidadãos argentinos.

Essa ligação de migração encontra-se também na família materna de Ariel. Seus avós maternos foram obrigados a imigrar para a Argentina para fugir da perseguição do pogrom⁸. Assim, a família de Dorfman teve que abandonar suas línguas nativas com o intuito de ser “aceita” na sociedade argentina, adotando assim o espanhol como língua comum entre eles e. Deste modo, o espanhol tornou-se a língua materna de Dorfman - o mesmo espanhol que ele abandonou quando criança e redescobriu na sua vida adulta; aprendendo a lidar com o bilinguismo e com as duas culturas que adotou então para si. A família poliglota de Dorfman, mergulhada em diversos idiomas e exílios, foi recebida pelo espanhol de braços abertos. (DORFMAN, 1999).

Do mesmo modo que ambas as famílias tinham essa ligação com o multilinguismo, coloca-se a predestinação de Ariel com o bilinguismo, bem como a relação com o exílio; todos marcados em algum período da vida com a dualidade. Com apenas dois anos de idade Dorfman sofre seu primeiro exílio, deixando sua terra natal (Argentina) para seu novo destino: os Estados Unidos. Mas, antes de chegar ao destino, a família de Dorfman passou por outros países da América Latina, o que representaria para o autor um período em que “o espanhol lentamente lhe dizia adeus.” (DORFMAN, 1999. P.25).

Aos três anos de idade, já nos EUA, Ariel teve pneumonia, sendo internado em um hospital. Por consequência, ficou isolado, não tendo contato com o espanhol por três semanas, o que foi o suficiente para ele (tentar) apagar qualquer registro de sua língua materna. Nesse momento surge o trauma na vida do escritor: por ficar rodeado de médicos e enfermeiros que só se comunicavam em uma língua tão diferente da sua (o inglês), Ariel começava a se questionar em que língua ele responderia. Depois da internação, se recusava a pronunciar palavras em espanhol, permanecendo assim por dez anos.

O trauma dessa brusca ruptura entre o sujeito Ariel e sua língua materna fica mais saliente quando ele afirma:

“a criança interior que fala espanhol, não responderá, porque eu a deixei morrer no escuro, atrofiou a linguagem com a qual poderia ter transmitido essas memórias para mim; e a outra criança, a que fala inglês, ela estava presente é claro, mas foi varrida daquele momento a partir do abscesso feroz de sua mente, preferindo fingir que seu

⁸ O termo vem do russo significa “causar estragos, destruir violentamente”. Faz referência a violentos ataques físicos da população em geral contra judeus, principalmente na Rússia nos séculos 19 e início do século 20. Na ocasião, um grande número de pessoas foram mortas.

começo comigo foi sem dor e esplêndido e imaculado.” (DORFMAN, 1999, p.43, tradução nossa).

Dorfman deixa claro a sua relação com cada uma de suas duas línguas, a diferença que cada uma tem em sua vida e a história pertencente a cada uma delas, que por vezes chama de espelho rachado, imperfeito. Além do trauma linguístico, Dorfman sofreu com a questão da identidade e da nacionalidade, pois para ele “a questão da linguagem ficou enredada na questão da nacionalidade e, por consequência, na identidade.” (DORFMAN, 1999, p.47). Nesse aspecto, Edwards (2009) considera o relacionamento existente entre a língua e a identidade, ao dizer que “falar uma determinada língua significa pertencer a uma determinada comunidade lingüística” (2009, p. 248). Edwards vai mais além quando afirma que “bilíngües devem ter algum tipo de mentalidade dividida: dois indivíduos em um” (2009, p.249). Seguindo esses preceitos, Dorfman deu vida à outra identidade, a inglesa: “você pode reinventar a si mesmo em uma língua inteiramente nova, em uma terra inteiramente nova” (DORFMAN, 1999, p.49). A partir desse momento Dorfman passou a ter não só duas línguas, mas duas identidades.

O autor tentou matar e enterrar a língua espanhola, jurando somente falar a língua inglesa e, por várias vezes, impediu que o espanhol emergisse de sua garganta e saísse por sua boca, criando um espaço dele, do qual não conseguiria sair. Os dois mundos que Dorfman criava a todo instante estavam colidindo entre si e confundindo-o, ao mesmo tempo em que defendia a língua inglesa com fervor, a língua espanhola era o idioma das “emoções clandestinas” (1999, p.70). Na época da escola, por exemplo, ameaçou contar à professora que seu pai era considerado comunista durante a guerra fria⁹ (DORFMAN, 1999).

Na adolescência, a fim de romper os laços com suas origens hispânicas e russas, Ariel troca o seu nome Vladimiro por Edward. Sempre que lhe perguntavam o porquê do nome Vladimiro, Dorfman era induzido a dizer que ele fora batizado com o mesmo nome do pianista erudito ucraniano Vladimir Horowitz, que fez carreira nos Estados Unidos. A escolha por Edward ocorreu depois de ter lido no livro *The Classic Comics* edição de Mark Twain - *The Prince and the Pauper* - um conto sobre dualidade e identidade, o que ironicamente, reafirma sua dualidade. Assim, sua identificação com a língua inglesa se tornaria quase que completa. Dessa forma, para Ariel:

O inglês havia se tornado o instrumento eficaz da minha intimidade, o reino interior que eu poderia controlar e também a base do que eu já chamei de minha

⁹ Disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, tendo início logo após a segunda guerra mundial (1945).

profissão, convencido de que meu lugar no mundo e na história seria determinado pela maneira como eu afetava e moldava aquela língua permanentemente. (DORFMAN, 1999, p.86)

Durante a guerra fria, o pai de Dorfman, Adolfo, foi perseguido pelo macartismo¹⁰, o que o obrigou a abandonar os Estados Unidos e migrar para o Chile. Com a ida de sua família para o Chile, o espanhol que parecia ter sido esquecido por Dorfman, ressurgiu em sua vida, mas desta vez não mais como ameaça, mas como realidade. O mesmo país que exilava seu pai acolhia Ariel. Esse dilema vivido pelo autor, por hora não abalaria sua identificação com a língua inglesa. Assim, aos 16 anos, a língua espanhola começou a lhe falar. Em uma certa ocasião, ao ser questionado por um professor se havia quebrado um objeto na sala de aula, o espanhol lhe escapa e Ariel diz “se rompió”. Sem se acusar, Ariel se esconde na impessoalidade da língua que ele jurou não falar, usando uma forma lexical impossível na língua inglesa. Esse fato mostrou a Dorfman que o espanhol estava mais vivo do que nunca, ao mesmo tempo em que sua identidade começa a entrar em choque com essa nova realidade: “quem é que fala espanhol? É o mesmo jovem que fala inglês?” (DORFMAN, 1999, p.116).

A partir desse momento, Dorfman opta novamente por outro nome, já que Edward não faz mais parte dessa nova realidade. Seu nome de batismo, Vladimiro, fora marcado pelo lado político de seu pai que escolheu Lênin¹¹ como modelo. A escolha de Dorfman agora seria *Ariel*, escolha essa cheia de representações. O nome Ariel aparece na peça *A Tempestade*, de Shakespeare: um espírito de ar, bondade e magia que fora libertado por Próspero. O nome Ariel de certa forma une o espanhol e o inglês em uma única pessoa, além de ser um nome de origem hebraica, o que reafirma sua origem judaica.

A questão do nome que Dorfman adotou para si define sua identidade. Assim como é caracterizada a identidade em relação a um idioma e/ou a uma cultura por John Edwards, em sua obra *Language and Identity* (2009). O autor leva em conta para essa definição características como aparência, gostos, que são “marcadores involuntários de quem nós somos, ao que parecemos e a que grupos pertencemos” (EDWARDS, 2009, p.34). Além desses encontram-se ainda “religião, afiliações, grupo de linguagem pertencentes – e **nomes**” (2009, p.34).

¹⁰ Ou *McCarthyism* (ocorreu no final dos anos 1940 até meados de 1950) é um termo utilizado para descrever a intensa patrulha anti-comunista nos Estados Unidos, liderado pelo senador americano Joseph McCarthy. Popularmente ficou conhecido como “caça as bruxas”.

¹¹ Vladimir Ilitch Lênin (1870-1924) revolucionário e chefe de estado russo, responsável pela execução da revolução russa (1917) e primeiro presidente da União Soviética.

Assim, o sujeito bilíngue ganhou espaço na vida de Dorfman. Sendo sua língua materna o espanhol, ele alterna sua escrita com certa facilidade entre o espanhol e o inglês. Ariel escreveu sua biografia em espanhol e em inglês, sendo que nenhuma é tradução da outra. Segundo Dorfman “eu não conseguiria decidir em qual dos meus dois idiomas escreveria a história de minha vida. Elas estavam me disputando cada uma delas dominando minha vida monolinguamente” (LESSER, 2004, p.206.) Na vida de Dorfman, o exílio, não só físico e espacial, mas o exílio linguístico, se fez presente desde muito cedo fazendo com que ele se considerasse monolíngue.

O espanhol que Dorfman tentou matar e enterrar seria “a linguagem em que tinha construído a casa de sua identidade” (DORFMAN, 1999, p.42) e que estava mais viva do que nunca. Dorfman percebeu, depois de se exilar na Argentina durante a ditadura de Pinochet, que o espanhol fazia parte de sua vida assim como o inglês e que sua relação com ambas as línguas sempre foi bem distinta, assim como sua história diante de cada uma delas. Deste modo, Dorfman percebeu que não se pode “renunciar ou esquecer uma língua” (DORFMAN, 1999, p.101). Ele passou a aceitar sua condição bilíngue, creditando a si mesmo como “bígamo de língua” (1999).

Além disso, o exílio o fez abandonar não só seu país e sua cultura, mas sua língua materna e, dessa forma, o autor perdeu sua noção de nacionalismo. Na obra *Reflexões sobre o Exílio*, Said (2003, p.49) afirma que “o nacionalismo é uma declaração de pertencer a algum lugar, a um povo, a uma herança cultural.”. Em virtude desse exílio e da sua perda de referências na sua língua materna, sua língua de adoção passou a fazer parte de sua vida e de sua alma, rejeitando quase que por completo não só seu idioma materno, mas também sua cultura. Segundo Seligmann “a língua originária encontra-se ela mesma dentro do constante movimento de passagem entre línguas” (SELIGMANN, 2005, p.192). Por conta dos exílios sofridos pelo autor e por viver num constante pertencer e não pertencer a um lugar sua questão de nação e nacionalidade ficou comprometida, assim como sua identidade linguística e cultural. Segundo Seligmann “o mais importante não é a língua que se aprende; o decisivo é o abandono de sua própria língua.” (SELIGMANN, 2005, p.190) Sendo assim, quando se aprende e/ou se adota um segundo idioma, adota-se uma cultura e uma identidade que acompanham essa

aquisição. Para falar ou escrever em um segundo idioma, você pensa diferentemente de acordo com a lógica que envolve aquele idioma; portanto, você se torna sujeitos diferentes em línguas diferentes. Dorfman percebeu isso ao escrever suas biografias. O autor notou que cada sujeito falava uma língua diferente, portanto tinha histórias diferentes para contar (LESSER, 2004, p. 208). Assim, o autor percebeu que não poderia traduzir sua biografia, pois para ele “não era o mesmo livro” (LESSER, 2004, p.207).

Dorfman sofreu com mais um exílio durante a ditadura de Augusto Pinochet, na década de 1970 no Chile, o que o fez um ativista político na época, como ele relata em sua biografia, havendo vários capítulos referentes a esse evento. No início da obra *Heading South Looking North* (1999), Dorfman abre o primeiro capítulo com o título “um capítulo sobre a descoberta da morte cedo na vida” e afirma que ele “não deveria estar aqui para contar essa estória” (DORFMAN, 1999, p.3); o autor faz referência às muitas vezes que ele escapou da morte e ao dia em que aconteceu o golpe de estado de Pinochet, onde mais uma vez, Dorfman se vê obrigado a abandonar sua “nação”, mas com a certeza de que não abandonaria mais o espanhol de sua vida.

A história de Dorfman é muitas vezes confundida com o Chile, a terra que ele aprendeu a amar e que lhe devolveu o espanhol, isso se torna claro quando Ariel fala de sua esposa:

“Desde que eu a conheci, Angélica foi confundida com o Chile em minha mente. Todas as leituras e todas as viagens e todos os protestos e toda a neve sobre as montanhas fizeram menos para fixar-me ao país do que este frágil ser humano.” (DORFMAN, 1999, p.177, tradução nossa)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conta dos exílios sofridos por Ariel, surge a questão do hibridismo cultural na formação de identidade. O que constitui a identidade do exilado é essa mistura de diversas culturas e identidade cultural e linguística. Portanto “uma identidade híbrida envolve o desenvolvimento e a adoção sincrética de formas culturais familiares.” (BARKER e GALASINSK, 2001, p.159). Sendo assim, Dorfman acabou se tornando um sujeito híbrido, tanto na questão cultural e “nacional” quanto em sua questão bilíngue, o que pode ser percebido pelo leitor ao longo da biografia.

REFERÊNCIAS

- BARKER, C. e GALASINSK, D. **Cultural Studies and Discourse Analysis: a dialogue on language and identity**. London: Sage, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BHATIA, T. e RITCHIE, W. (Org.) **The Handbook of Bilingualism**. Oxford: Blackwell publishing Ltd, 2006.
- DORFMAN, Ariel. **Heading South, Looking North**. New York: Penguin, 1999.
- EDWARDS, John. **Language and Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HARMERS, J e BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- LESSER, Wendy (Org.). **The Genius of Language: fifteen Writers Reflect on Their Mother Tongues**. New York: Pantheon, 2004.
- PENNA, João Camilo. “Este Corpo, Esta Dor, Esta Fome: notas sobre o testemunho Hispanico-Americano”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- RUSHDIE, Salman. **Imaginary Homelands**. London: Vintage Books, 2010.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Ed.34, 2005.
-